

A vibrant, colorful illustration for a Disney Encanto book cover. The background is a deep purple. At the top, the word "Disney" is written in its signature yellow script, and "ENCANTO" is written in large, stylized, multi-colored letters. Below the title, three women are depicted in traditional Colombian attire. The top woman has her arms raised, the middle woman is shown in profile with her hair flowing, and the bottom woman is looking forward with her hands on her hips. The entire scene is framed by a lush border of various flowers, leaves, and magical creatures like a green frog, a blue bird, a yellow cat, and a hummingbird. A small house with a red roof is visible on the left side.

Disney
ENCANTO

Uma História de
Três Irmãs

ANIKA FAJARDO

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © 2023 Disney Enterprises, Inc.
Copyright © 2023 Anika Fajardo
Copyright da tradução © Laura Folgueira
Todos os direitos reservados.
Título original: *Encanto: A Tale of Three Sisters*

Preparação: Paloma Blanca Alves Barbieri
Revisão: Renato Ritto e Andréa Bruno
Ilustrações: Paola Escobar © Disney Enterprises, Inc.
Projeto gráfico: Winnie Ho
Diagramação: Márcia Matos
Composição e layout: Susan Gerber
Adaptação de capa: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fajardo, Anika

Encanto 2: uma história de três irmãs / Anika Fajardo,
tradução de Laura Folgueira. - São Paulo: Planeta do Brasil,
2023.

272 p.: il.

ISBN 978-65-5535-914-5

Título original: *Encanto: A Tale of Three Sisters*

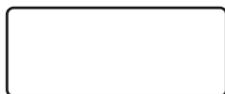
1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Folgueira, Laura

23-0399

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo-SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Disney
ENCANTO



**Uma História de
Três Irmãs**

ANIKA FAJARDO

TRADUÇÃO: LAURA FOLGUEIRA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Família



Madrigal



PEDRO



BRUNO



PEPA



FELIX



DOLORES



CAMILO



ANTONIO



Planeta

Capítulo 1 * Mirabel

TUDO É UM BORRÃO, mas não preciso dos meus óculos para saber que estou no quarto que compartilho com meu priminho Antonio. Aperto os olhos contra o sol da manhã que reflete direto no meu rosto. *Argh!* Adolescentes não deviam ser acordados assim tão cedo. Espreguiçando-me e esfregando os olhos para

espantar o sono, bocejo – e aí me lembro de que dia é hoje. Sento-me rapidamente e coloco os óculos no rosto.

Hoje é aniversário de cinco anos de Antonio! E, mais importante, é o dia da cerimônia para descobrir o dom dele. À noite, se tudo correr bem, ele vai dormir em seu novo quarto. Seu próprio quarto. Qual será o dom dele? Agora que estou enxergando direito, olho para a cama de Antonio do outro lado do quarto. Mas, em vez de achar um menininho de cabelos castanhos, só vejo o colchão vazio. Cadê meu *primito*?

Saio às pressas da cama. As gavetas de minha cômoda se abrem, e tiro a camisola para colocar minha saia e minha blusa – ignorando a costura se soltando na borboleta que bordei ontem à noite. Deixa pra lá. Eu conserto depois. O importante é achar Antonio.

— *Buenos días*, Casita — digo para a casa ao sair do quarto. Casita segura a porta antes que ela bata num estrondo, fechando-a gentilmente.

— Desculpe, Casita — falo à minha casa, minha amada casa mágica. Dou um tapinha no corrimão e olho para o pátio interno lá embaixo. — Alguém viu Antonio?

Mas não tem ninguém lá. Desço as escadas correndo. Quase tropeço, mas a Casita gentilmente me segura com o tapete.

— ¡Gracias!

Hoje, todos estarão ocupados, e quero muito ajudar. Vou para a sala de jantar. Cadê Mamá? Eu posso só ter quinze anos – o que me torna mais nova que minhas duas irmãs –, mas posso ser útil. Pego os pratos Madrigal especiais, um diferente para cada pessoa, para colocá-los sobre a mesa.

Está muito abafado aqui.

— Casita, abra as persianas! — peço.

A casa as abre com um estrépito, revelando minha vista do mundo: Encanto. O vale mágico onde moramos é cercado por montanhas íngremes que sobem até as nuvens fofas. As encostas

são pedregosas e pontilhadas de árvores, cafezais e flores desabrochando. As montanhas muitas vezes ficam escondidas, parcialmente encobertas pela névoa baixa que paira durante a noite quando o sol se põe. Das janelas do andar de cima da Casita, dá para ver a cidade com suas ruas de paralelepípedos, uma igreja com um campanário lindo e prédios brancos elegantes com telhados avermelhados. Cada casa na cidade tem lindas floreiras e persianas pintadas de cores vivas.

No centro de Encanto fica nossa casa. A Casita. Quando se caminha na direção dela, dá para ver formosas buganvílias subindo pelas paredes terracota. De sua chaminé, sai a fumaça da madeira queimando na cozinha. A torre nos fundos da casa se destaca como um soldado em guarda.

Há muita coisa para fazer, mas me debruço pela janela e respiro fundo. Mangas. Terra preta. Bananas. Orquídeas. Nuvens fofas. Sinto

o cheiro de tudo. O aroma de casa. Fecho os olhos, sentindo que talvez vá dar tudo...

— Quando saberemos qual é o próximo dom mágico? — pergunta alguém.

Abro um olho. Abaixo da janela da cozinha, encontro *niños* da cidade espiando para dentro da casa, curiosos como nunca, e me questionando como sempre. Eles são fascinados por minha família e pela casa. E toda vez querem ouvir uma história. Eu nunca me importo de contar.

— Quem quer saber?

— Eu!

Um novo rostinho aparece.

— Eu!

— Todos nós!

Dou risada.

— Na cerimônia do meu primo hoje à noite

— respondo, voltando para organizar a mesa.

— E precisa ser tudo perfeito.

— Por quê?

— Porque nós somos a família Madrigal.

— Qual vai ser o dom dele? — quer saber uma das crianças.

— Qual é o *seu* dom? — grita outra.

Ignoro essa pergunta. Em vez disso, disponho cuidadosamente os pratos das minhas irmãs, a xícara da minha tia e os talheres da minha avó.

— Vamos descobrir qual vai ser o dom do Antonio — conto a eles.

— Qual é o seu papel? — pergunta alguém com uma vozinha.

Qual é o meu papel? Só espero que minha família permita que eu faça parte do dia especial de Antonio. Eu talvez seja diferente, mas posso ajudar.

Decido desconversar. Digo às crianças:

— Não posso simplesmente contar para vocês qual é o meu papel. Vocês precisam conhecer toda a história.

A mesa está organizada, pronta para o café da manhã. Escuto os sons de minha família

acordando, preparando-se para o novo dia. Batidas de panelas e utensílios vêm da cozinha. Alguém está cantando com a voz grave de um barítono. Risadinhas correm até o andar de baixo, e o baque surdo de coisas pesadas caindo adiciona uma batida ao canto das araras. Logo, minha família toda vai se amontoar na sala de jantar para tomar café, mas estou animada demais para ficar sentada esperando. Afinal, é a cerimônia do dom de Antonio.

— Janelas! — grito, e a Casita lustra as janelas. — Pisos! — Os tapetes rapidamente ficam limpos e os pisos brilham. — Portas! — berro ao entrar no pátio. Na sacada acima de mim, todas as portas reluzem. Bom, todas menos duas. Sacudo a cabeça, tentando afastar as preocupações da minha mente. Viu? Não posso ficar parada. Gosto de me manter em movimento. Digo: — Vamos!

A casa abre a porta da frente, e sou recebida pela manhã ensolarada. Quase tropeço nas

crianças reunidas lá fora me esperando. Coloco a bolsa no ombro e vou na direção da cidade.

— Aonde você vai? — as crianças me perguntam. — O que vai fazer?

Eu me viro e dou tchau para a Casita. Com os olhos arregalados, as crianças observam a casa piscar para mim mexendo uma persiana.

— Pode contar para a gente sobre a sua família? — pede um dos garotinhos enquanto meus pais, tio, tia e primas espiam das janelas, descem para o pátio e fazem as mesmas coisas esquisitas de todas as manhãs.

— Você já não a conhece? — pergunto, observando aquelas pessoas que conheço tão bem e amo tanto. Mesmo quando são irritantes, o que parece ser cada vez mais frequente.

— Hã — diz o menino. Vejo que o envergonhei. Não foi de propósito, mas é que não entendo por que essas crianças ainda perguntam sobre os dons da família Madrigal. A cidade toda sabe tudo de nós. — É que tem tantos

— responde ele, tímido — que não consigo lembrar quem é quem.

— Pode contar para a gente?

Sorrio para as crianças. Não me importo de falar sobre a minha família para eles. Na verdade, até fico contente por ser útil para algo. As crianças me seguem até a cidade, e vemos uma fila de gente.

— Bom, essa é Mamá; podem chamá-la de Julieta. — Mamá acena para mim enquanto atende as pessoas que esperam na fila. — O dom dela é curar com comida. Não importa o que você tenha, ela consegue resolver com uma refeição. Ou, às vezes, até com um lanche. — Furo a fila, afinal, sou sua filha, e ela me dá uma *arepa* e um beijo constrangedor. — Onde eu estava? — pergunto de boca cheia.

— Sua mãe — responde uma das crianças.

— Isso. — Então conto aos *niños* sobre minha família. A mágica família Madrigal.

Mas, no início, as crianças parecem confusas.

— Qual é... — reclama uma delas.

— Não é tão difícil lembrar quem é quem — diz uma jovem aparecendo do nada.

As crianças dão um pulo de surpresa.

— Esta é minha prima Dolores — explico enquanto ela ri.

— Não se esqueçam — minha prima mais velha alerta as crianças. — Eu tenho superaudição. Cochichos, para mim, são que nem gritos.

— Em outras palavras — completo —, cuidado com o que falam perto dela. — Dolores assente com a cabeça. — Na verdade, cuidado com o que falam em qualquer lugar. Ela consegue escutar um alfinete caindo.

— O que foi isso? — diz Dolores, escutando algo que ninguém mais escuta. — Ah, minha mãe precisa de mim. Ela está em casa. — Mesmo no meio da cidade, conseguimos ver a casa Madrigal. O sol lança um brilho quente e orvalhado sobre as telhas.

— A mãe dela é minha *tía* Pepa — explico enquanto Dolores se afasta correndo. — Minha *tía* está de muito bom humor hoje. Afinal, é a cerimônia do dom do filho mais novo dela. A magia de Pepa é controlar, ou às vezes descontrolar, o clima.

— Então, quando chove... — diz um menino.

— Ahã — falo. — Pepa provavelmente está tendo um dia ruim.

O garoto dá uma risadinha, mas logo para ao ver uma jovem carregando uma carroça acima da cabeça sem demonstrar qualquer esforço.

— É minha irmã Luisa — digo. O dom dela é a força. — Ela está ajudando a aprontar tudo para a cerimônia do dom de Antonio — explico às crianças que a olham boquiabertas.

Luisa leva a carroça até Mamá e sua clínica. Coloca o veículo com suavidade no chão.

— Obrigada, Luisa — agradece minha mãe. Minha irmã sorri orgulhosa e engole as *arepas* que Mamá joga na direção dela.

— Ah, olha — falo às crianças. — Lá vem meu tio Felix... — Mas então meu tio toma a forma de um adolescente destrambelhado. Caímos na risada ao ver ele de repente virar meu primo de quinze anos, todo risonho. — É o Camilo. Ele é um bagunceiro. Cuidado com esse garoto, porque ele tem o dom de mudar de forma. Nunca dá para saber quem ele está fingindo ser.

As crianças riem de novo quando Camilo se transforma em uma delas e depois volta a ser ele mesmo. Não há nada que meu primo ame mais do que fazer as pessoas rirem.

— Podem ignorá-lo — falo. — Vamos! — As crianças me seguem para a praça movimentada da cidade.

No espaço agitado, várias barracas estão montadas. Moradores vendem frutas – mangas, maracujás, bananas, *chontaduros* – em grandes cestas. Outra barraca vende filões de pão, pratos de *buñuelos* e sacos de *pandebonos*. Algumas

mulheres barganham o preço de um tecido bordado à mão. Argumentam com brilho no olhar – as negociações são metade da diversão! Em um café, um grupo de idosos tem um debate acalorado enquanto tomam xícaras da deliciosa bebida preta. Eles arregaçam as mangas e pedem mais café para o *dueño*. Num banco à sombra de um jacarandá, um casal idoso se senta lado a lado, vendo um bebê engatinhar na direção deles. A mulher pega o neto nos braços e dá um *besito* estalado na bochecha dele.

Algumas crianças saem do grupo para se juntar a um jogo de futebol que está rolando no meio da praça. Experimento um chapéu de abas largas do homem que vende chapéus. Desfilo com meu chapéu para as crianças, mas elas acham graça. Pelo jeito, não vou comprar um chapéu hoje. Em uma barraca que vende *helados*, encontramos meu pai e meu tio, um alto e magro, outro baixo e – hum – não magro.

— *Hola!* — grita Papá.

— Esse é meu pai, Agustín — digo, acenando para um homem magrelo —, e *aquele* é meu tio Felix.

Felix não olha para nós. Não sei o que esses dois tanto conversam, mas vivem discutindo alguma coisa.

Uma criança puxa minha manga.

— Qual é a magia deles?

Balanço a cabeça.

— Os dois se casaram com mulheres da família Madrigal. Eles não têm dons mágicos. Mas têm um ao outro — completo com um sorriso. Os dois homens voltam a conversar.

— Não tem mais um tio? — pergunta uma das crianças.

Franzo a testa.

— Bom, meu tio Bruno... — Não sei como explicar que não tenho certeza do que aconteceu com ele. O que sei é que não falamos do Bruno. — Ele desapareceu. Ele se foi.

Por sorte, as crianças são distraídas por um homem alto e bonito parado perto do meu pai.

— E ele? É parente seu?

— Não. — Dou risada. — Mas ele quer ser. Ele quer se casar com minha irmã Isabela — adiciono num cochicho.

— Ela é mesmo tão perfeita quanto dizem? — quer saber uma garotinha. — Cadê a Isabela?

— Isso é bem fácil de descobrir — digo, apontando para onde o lindo Mariano está olhando. Minha irmã mais velha, Isabela, é linda. Ninguém consegue resistir ao seu charme. Os vendedores dão frutas e *dulces* de graça a ela, pedem para cheirar as flores em seu cabelo. O dom dela é ter jeito com plantas e chamam isso de dedo verde. Não sei por que a chamam assim. Nada nela é verde. Hoje, ela está usando um vestido lavanda e creme com flores que combinam perfeitamente. Não tem fios soltos nas roupas *dela*. O cabelo está penteado para o lado, caindo sobre seus ombros em lindos cachos

macios. O rosto dela é bonito, sereno e calmo. É muito difícil ficar brava com Isabela porque ela é legal demais. Menos comigo, geralmente. Mas eu sou a irmã mais nova dela.

A menininha olha para Isabela como se tivesse acabado de ver um anjo.

— Vamos, *niñita* — falo, puxando a menina.

— Hora de voltar a *la Casa*.

Chegamos lá, com as crianças tagarelando atrás de mim. Estou sorridente e feliz. Hoje vai ser incrível. E não vou me preocupar...

De repente, um silêncio recai sobre as crianças. Lá, na porta, está minha avó.

— *Buenos días* — diz *abuela*.

— Quem é essa? — sussurra uma criança.

— É minha avó, *Abuela Alma* — cochicho. — Ela é a chefe da família. — Levo o dedo aos lábios para pedir silêncio às crianças. Sempre precisamos ser respeitosos e obedientes perto de *Abuela*. Eu tento, mas às vezes é muito difícil.

— O que está fazendo, Mirabel? — Abuela caminha na minha direção, as chaves tilintando na corrente presa ao cinto.

— Ah, hum, eles... — Olho ao redor, mas as crianças estão se escondendo. — Eles estavam perguntando sobre a nossa família.

— Mirabel ia contar para a gente qual é o dom superincrível dela! — grita um dos meninos corajosos.

— O dom dela? — Dolores aparece do nada, com as orelhas em pé. — Querem saber qual é o dom de Mirabel? — repete minha prima. Dolores, que consegue escutar música, sussurros ou segredos a quilômetros de distância, passa mais tempo ouvindo do que falando, então estou torcendo para ela não responder às crianças.

— É, ela ia contar para a gente qual é o dom superincrível dela...

— O dom de Mirabel? — Luisa aparece outra vez com uma carroça, levantando-a como se

ela tivesse o peso de um travesseiro de plumas.
— Mirabel não recebeu um.

— C-como ass... — gaguejam as crianças.
Não consigo saber se estão boquiabertas por causa da força impressionante da minha irmã ou porque eu não tenho um dom.

Ergo a cabeça.

— É verdade. Não tenho um dom. — Mexo no bordado da minha saia. Ah, caramba, outro fio se soltou. Eu me endireito. — Mas, com ou sem dom, sou tão especial quanto o resto da minha família.

Sei que soo mais confiante do que realmente me sinto.